pública Federativa do Brasil.
Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
CAMPOS, M. O., & Rodrigues Neto, J. F. (2014). Qualidade de vida: um instrumento para promoção de saúde. Revista Baiana de Saúde Pública, 32(2), 232-240.
CARDOSO, et all. O stress nos professores portugueses, estudo IPSSO 2000.
Portugal: Porto Editora: 2002.
CARLLOTO, M. S. (2010). Síndrome de Burnout: diferenças segundo níveis de ensino. Psico, 41(4), 495-502.
COOPER, C. Sloan. S., WILLIANS, S. Occupational stress indicator management guide. Londres. Thorbay, 1988.
CRUZ, R. M. Saúde, trabalho e psicopatologias. In AUED, B.W. (org.) Traços do trabalho coletivo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
DEJOURS, C. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 1992.
DINIZ, Denise. Qualidade de vida e saúde. Curso de Extensão, Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, 2007.
ESTEVE, J. M. O Mal-Estar Docente: a sala de aula e a saúde dos professores.
Bauru, SP: EDUSC, 1997.
FONSECA, T. M. G. Gênero, subjetividade e trabalho. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
FREITAS, F.M. Psicopedagogia Institucional: Um caminho a seguir na formação docente. Construção Psicopedagógica. São Paulo. Insttituto Sedes Sapientae, 2004.
FULLAN, M. & HARGREAVES, A. A escola como organização aprendente: buscando uma educação de qualidade. Porto Alegre: Artmed Editora. 2000.
GASPARINI, Sandra Maria, BARRETO, Sandhi Maria e ASSUNÇÃO, Ada Ávila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 31, n. 2, maio/ago. 2005.
GUIMARÃES, L. M. Série saúde mental e trabalho. 2ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
HOLMES, T. H.; RAHE, R. H. The social readjustment rating scale. Journal of Psychosomatic Research, 1967.
JEFFREY, A. M. Depressão infantil. São Paulo: M. Book do Brasil, 2003.
JESUS, S. N. Bem-estar docente. Perspectivas para superar o mal-estar dos professores, 2005.
LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção Magistério 2º grau).
MASLACH, C. & JACKSON, S. E. The messurement of experienced Burnout.
Journal of Occupational Behavior, n .2, p. 99 - 113, 1981.
REVISTA ISTO É – Guia de Saúde Familiar STRESS, 2001, p. 17-18
SELIGMAN, Martin E.P. (2011). Florescer - uma nova e visionária interpretação da felicidade e do bem-estar. Rio de Janeiro: Objetiva.
SCHAUFELI, W.; Enzmann, D. The Burnout companion to study & practice. Taylor & Francis, Londres, 1998.
WEISS, Maria Lucia L. Psicopedagogia Clínica – uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.
LUDEMIR, A. B., & Melo Filho, D. A. (2002). Condições de vida e estrutura ocupacional associadas a transtornos mentais comuns. Revista de Saúde Pública, 36(2), 213-221.
SANTOS, E. G., & Siqueira, M. M. (2010). Prevalência dos transtornos mentais na população adulta brasileira: uma revisão sistemática de 1997 a 2009. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 59(3), 238-246.

O IMPORTANTE PAPEL DO EDUCADOR NA FORMAÇÃO DO LEITOR

GLÁUCIA MARIA DA SILVA ABDORAL

RESUMO
O presente artigo tem por objetivo abordar o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores. Refletir sobre sua prática docente e a inserção dos estudantes no contexto das escolas. Articulando a construção de práticas pedagógicas à formação dos discentes. Conquanto, abordar as ações elaboradas e desenvolvidas e os mecanismos de incentivo à leitura e escrita contribuem para o desenvolvimento intelectual dos educandos.
PALAVRAS-CHAVE: Formação docente; Leitura; Práticas educativas

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é abordar, a formação dos professores e a prática educativa. Dessa maneira, vindo a contribuir o melhoramento da qualidade de ensino, visto que as mudanças sociais estão gerando transformações no ensino- aprendizagem, conquanto é fundamental um ensino de qualidade no qual os professores ao se aperfeiçoaram refletirão sobre sua prática, e a partir daí poderão através dos estudos confrontar as ideias, experiências vivenciadas e associar com os problemas enfrentados no dia a dia na prática docente e nesse sentido

abordaremos o quanto uma boa prática educativa e o espaço, contribuem para o desenvolvimento do educando, através de estratégias diversificadas de leitura. O professor refletindo sobre as muitas indagações que se lançam no ar sobre a leitura/letramento e a sua importância na formação do leitor. Desse modo, o espaço contribui para uma melhor utilização da leitura em sala de aula garantindo o estímulo do hábito de leitura e a sua importância na vida dos indivíduos.

Pràx educativa

Para Freire, não é possível docência sem discência. Para ele é preciso refletir sobre a arte de educar, criar possibilidades para o aluno produzir ou construir conhecimentos, ao invés de simplesmente transferir os mesmos. O educador deve reconhecer que ao ensinar, se está aprendendo e não desenvolver um ensino onde apenas se injetam conhecimentos nos alunos. Paulo Freire ressalta a necessidade da

Troca entre professores e alunos, bem como as maneiras e métodos para o ensino" Freire (1996 p.23). ""Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender "FREIRE (1996P.23).

A criança é um sujeito ativo, que pensa, e de direitos a acesso a bens culturais, e a escola é o lugar onde ela aprende e se desenvolve, conquanto é fundamental que o educador mediador estimule as variadas formas de ler o mundo, pois quanto mais cedo à criança tiver contato com o livro e perceber o prazer que a leitura produz, maior será a probabilidade de tornar-se um adulto leitor com postura crítica e reflexiva o que é extremamente relevante a sua formação cognitiva. Assim sendo, a contação é um gênero oral importante ou de histórias deve ser associada à construção de conhecimentos prévios, pois a criança lê da sua maneira, muito antes de ser alfabetizada, ainda que não decodifique as palavras e frases escritas ela deve ser estimulada com diversos gêneros textuais diferenciando dos demais como revistas jornais, parlendas, trava-línguas, receitas, entre outros.

De acordo com Paulo Freire (2003 p.11) o ato de ler é um processo que envolve uma compreensão crítica e que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas que antecipa e se alonga na inteligência de mundo.

Todavia a temática do ato de ler vem sendo cada vez mais estudada e debatida por muitos autores que defendem a ideia de que não basta ler o texto, mas também a leitura se torna uma questão de urgência social tendo uma colaboração da ciência, ajudando na luta nas conquistas políticas das classes populares, em que há um alto índice de pessoas que não tem acesso à escolarização e alfabetização.

IBGE (2012.) Instituto de Geografia e Estatística considera-se que uma pessoa é alfabetizada se ela souber ler e escrever um "bilhete simples". O pesquisador do IBGE registrou em 2012 uma taxa 13,2 milhões de analfabetos e outros 27,8 milhões de analfabetos funcionais.

INAF (2009), indicador de analfabetismo funcional, do Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, expressam uma realidade absurda. De acordo com o

Índice, quatro em cada brasileiro que cursaram até a 4º série e hoje têm entre 15 e 24 anos de vida, não conseguem compreender nada além de um pequeno bilhete simples ou anuncio.

O resultado revela um fracasso em que grande parte do problema tem como responsável uma concepção de ensino inadequado que predominou durante boa parte do século passado constatando que os alunos trabalhando com atividades de cópia e memorização mecânica das famílias silábicas, professores reduziram a alfabetização a uma atividade de decifração em que ler, era decorar sílabas e escrever repedindo de maneira cansativa e enfadonha, pois a leitura e escrita era abordada sem a comunicação entre educador e aluno.

Sendo assim, aquele primeiro mundo foi suas primeiras leituras e suas primeiras atividades perceptivas dos textos e dos contextos que ele foi aprendendo nas suas relações sócias com as palavras, as letras daqueles conhecimentos prévios. Conquanto para que haja o prazer da leitura é fundamental que se inicie em casa, no ambiente familiar na qual tenha uma interação com a leitura a fim de despertar na criança esse gosto tão necessário para alunos e professores. A família e as escola, precisam estar cientes da fundamental importância que a leitura representa na vida do sujeito e na vida social, pois não cabe somente ao professor incentivar o hábito as crianças, mesmo que compete aos pais a prática do incentivo, seja por meio da leitura em casa no cotidiano ou através de incentivo, sendo um dever de todos aqueles que direta ou indiretamente trabalham com a educação. O educador precisa ser o mediador do ato de ler, visto, que muitas vezes o educando sozinho não consegue entender um anunciado de uma questão por não ter sido oportunizado a ler o sentido do contexto de mundo, assim cabe ao professor mediador levar em consideração a cultura dos indivíduos e a maneira como a leitura está sendo conduzida nas unidades escolares.

"Crianças que ainda não dominam o sistema de escrita alfabética brincam imitando a escrita, criando, histórias a partir de textos verbais e visuais. A crian-

ça reelabora reconstrói, reformula elementos constitutivos da escrita, lançado mão da sua forma peculiar de pensar e das suas referências muito próprias sobre o mundo. Não é preciso que as crianças compreendam as relações entre fonemas e grafemas para construir sentido ao escutar a leitura de uma história ou elaborar narrativas a partir de um livro de

imagens por exemplo. As crianças formulam hipóteses, criam histórias, inventam sentidos, atestando assim, o seu protagonismo em relação ao processo de construção de conhecimentos sobre a linguagem escrita". BAPTISTA (2010,p.3)
No entanto colocar as crianças em contato com o imenso universo leitor, e do escritor, de maneira significativa, lúdica, e prazerosa, consiste que ela esteja inserida nas práticas sociais, num processo de letramento, e fazendo assim que a aquisição da leitura e da escrita seja significativa para toda vida.
"Não há homem sem mundo, sem realidade, o movimento parte das relações homens-mundo". "Daí está sempre o ponto de partida esteja sempre nos homens no seu aqui e agora que constituem a situação em que se encontram ora imersos, ora emersos, ora encetados". FREIRE(1970 p.74)

Para o autor é fundamental relação dos homens - mundo, pois é o homem que deve transformar a realidade para ser "melhor", sendo a humanização dos homens como ato de buscar. Cabe ao indivíduo se encher de cultura os espaços vazios criando ao fazer isso, outros espaços ao meio ao qual está inserido. Se isto lhe for negado para Freire, será um ato violento, fazendo os objetos de alienação uma prática bancária. Uma vez que cabe ao professor uma prática problematizadora, enquanto o que fazer humanista e libertador que educandos e educadores fazem sujeitos do seu processo, superando a alienação o autoritarismo do educador bancário e a falsa consciência do mundo, desta maneira, o mundo não fala com falsas palavras, mas midiatizados dos sujeitos da educação transformadoras no qual Freire afirma que "nenhuma ordem opressora suportaria que os oprimidos todos passassem a dizer: Por quê? ".

Todavia, o ato de ler se torna um valioso instrumento libertador e autônomo no qual leva o homem escrever e reescrever o mundo e a transforma-lo através da sua práxia consciente. No entanto a importância do ato de ler pressupõe uma compreensão do texto, ou seja, uma leitura deve ser refletida e contextualizada, pois "a leitura de mundo precede a leitura da palavra".

De acordo com Elias José (1988) apud Jacqueline Held (1980 p.5) uma autora voltada para estudos do imaginário infantil reforça a necessidade dos pais e educadores oferecerem as crianças muita leitura para o gosto e o prazer de ouvir e

ler historias, porque com carinho e com estímulos ao imaginário e com a valorização dos estudos, do crescimento intelectual e afetivo, conseguiremos criar crianças mais felizes. Dessa forma, no futuro, serão felizes tanto adolescentes e adultos quanto pais e educadores. A criança tem que se sentir criança e não um adulto em miniatura. O imaginário ligado a emoção e a afetividade dão segurança e certeza de que não estamos criando uma geração de repetidores infelizes. Nesta troca de experiências social está o segredo do homem capaz de ideias, o artista, o cientista e o político ou até mesmo um profissional simples, mas criativo capaz de agir e reagir sobre o mundo que o cerca.

Formação docente

Nas práticas educativas devemos refletir sobre seu importante papel, de estimular e enriquecer o imaginário infantil desde cedo, pois as histórias ouvidas pelas crianças tem a magia de transporta-las a enriquecer-se emotivamente, cultural e afetivamente, provocando uma ligação afetiva entre o adulto que usa o discurso e a criança que o decodifica, valorizando a sociabilidade e o auto- conceito positivo da criança, de sorte que quanto mais o professor estuda uma história infantil e suas possibilidades de trabalho em sala de aula, mais atividades pedagógicas poderão ser exploradas para o desenvolvimento de estratégias cognitivas de leitura de mundo e desenvolvimento do comportamento leitor, tais como apresentar o livro, o autor, o ilustrador, ler em voz alta utilizando comportamento leitor, deixar que as crianças manuseiem o livro, ler novamente mostrando o livro, criando objetivos de leitura, observando os personagens mágicos, o espaço, e contando e recontando para a compreensão do leitor, pois com a leitura adquirimos mais conhecimento e cultura, o que nos fornece mais capacidade de diálogo de modo que quanto mais cedo a criança for inserida neste mundo e contexto alfabetizador, imaginário e nas riquezas que trazem os livros, mais cedo ela estará apta para se tornar um leitor em toda a sua condição em pleno desenvolvimento da sua cidadania na sociedade como um todo.

(...) um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com sua forma de pensar e o modo

do grupo social ao qual pertence. As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em ricas fontes de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões étnicas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças, MEC. (1998, p.146).

A formação dos professores é vista como uma das principais responsáveis pelos problemas da educação, ainda que tenha ocorrido uma verdadeira revolução nesse campo nos últimos vinte anos, a formação deixa muito a desejar, arraigados na concepção tradicional, pois ainda há uma grande dificuldade em se pôr em prática a concepção e modelos inovadores. Dessa forma, escolas se fecham as suas experiências e ao seu contexto, e por outro lado convive com um academicismo excessivo que não retrata a escola real, mas como é possível integrar teoria e prática ao longo de todo o processo de formação do educador? Freire, sugere como base fundamental para superação desse impasse o desenvolvimento do senso crítico da aceitação do novo e do desafio da rejeição a qualquer forma de discriminação. O autor busca sempre a luta dos sujeitos em um mundo real procurando compreender e articular com o contexto. Para ele o grande problema que se coloca ao educador é de opção democrática e de como trabalhar no sentido de fazer possível que a necessidade do limite seja assumida eticamente pela liberdade.

(Freire, 1996 p.118) Além disso “uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade”

Quando falamos em pratica docente pensamos que isso se restringe a fazer curso de graduação e assim nos tornaremos bons professores qualificado para dar aula, entretanto ser professor requer mais do que isso, é preciso adquirir toda a bagagem de conhecimento que quase sempre não se aprende só na universidade, ela depende de toda situação cultural no sistema de ensino e da própria formação adquirida como ser humano, como pessoa, valorizando questões pedagógicas e discutindo a importância que as práticas docente exerce na formação dos professores e aos poucos construindo sua identidade através dessas experiências, no qual a formação não se constrói por acumulação de cursos, de conhecimentos ou técnicas, mas sim, através de um trabalho de reflexibilidade crítica sobre as práticas e de construção permanente de uma identidade pessoal NOVOA (1995 p.25).

No entanto os saberes das experiências não começam a valer depois que o indivíduo terminou o curso de graduação, mas sim deve começar com as experiências feitas como aluno no qual poderá observar e refletir sobre os diferentes professores, podendo identificá-lo como alguma forma de ser professor e que mais adiante tomaremos como exemplo a seguir. As experiências também vão sendo produzidas no cotidiano docente onde cada nova experiência é uma oportunidade para fazer uma reflexão sobre as práticas, possibilitando observar pontos positivos e negativos da vida do professor. Ninguém se torna professor de repente ou no momento que entra numa sala de aula. Essa passagem é um processo que se dá durante todo o curso de formação somando conhecimento acumulativo ao longo da vida, pois não basta para o professor saber o conteúdo, nem somente sobre qual a melhor maneira de ensinar é preciso saber também como é o funcionamento das organizações escolares, qual a realidade que estas escolas estão inseridas. Dessa maneira, o professor deve conhecer todo o currículo da instituição e estar consciente de que é uma parte do todo, que se denomina educação e assim como as informações, as tecnologias evoluem a educação, também deve seguir, crescendo, se modernizando. Para isso o professor precisa acompanhar essa evolução e fazer parte da inovação e transformação da escola.

O professor deve ter um compromisso e interesse de propiciar a contação de história, para que desde cedo despertem nelas o prazer pela leitura. Ter acesso a uma boa leitura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em ler com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo a escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida. MEC(1998, p.146)

É fundamental que o professor na educação infantil, organize um ambiente especial para os livros na sala de aula, que criem rodas de leituras, num clima envolvente e aconchegante, apresentando a leitura e as ilustrações de maneira que despertem nos pequenos, curiosidade, simpatia e admiração pelo livro, fazendo assim com que as crianças construam uma relação prazerosa pela leitura, no sentido dela

Querer aprender a ler e a sentir prazer pela leitura, além do incentivo ao o habito leitor ao ler histórias para cativar as crianças.
Literatura é jogo de palavras com mais alto envol-

vimento poético. É apelo aos sentimentos humanos e aos cinco sentidos. A palavra poética é portadora de múltiplos sentidos. O poema é musica para os nossos ouvidos. Permite que embarquemos numa viagem gostosa, cheia de formas, cores, sabores, cheiros, pessoas, lugares cenas. Elias José (1998 p.18)

Toda via contar, ler e ouvir histórias, são formas de criar um espaço e um tempo imaginário e integradores, envolvidos pelos lugares onde os fatos se passam pelas palavras e outros recursos narrativos de quem lê ou conta, tendo o poder mágico de ligar pessoas pelo fio da narração fazendo o bom contador, o ouvinte a viajar, no qual passa a ser formas de viver, e reviver de marcar o ser e estar no mundo deixando lembranças vivas na memória do outro. O poema citado retrata a ternura e o mito que ficou arquivado na memória do autor, remetendo a ideia de escape para os problemas existenciais e liberdade que a imaginação proporciona ao buscar uma realidade alternativa.
As histórias ouvidas pela criança tem a magia de levar a criança a enriquecer-se emotiva, criativa, cultural e afetivamente. Valorizam a sociabilidade e o autoconceito positivo. Motivam o imaginário. Despertam o prazer de ler e de ouvir. Provocam uma ligação afetiva entre o adulto que usa o discurso e a criança que o decodifica. Pena que pais, avós, babás, professores e pessoas que trabalham como voluntárias em escolas e hospitais infantis não saibam, ou finjam não saber o poder mágico e a força educativa das histórias e dos poemas ouvidos. Elias José (1998 p.67).

A importância de ler e contar historias
A literatura pode nos levar ao mundo idealizado capaz de nos dar sem nos alienar, o que o cotidiano nos nega. A literatura pode nos levar a conhecer pessoas, as personagens de ficção que geram em nosso espírito simpatia ou antipatia, e possibilitam que nosso “eu” se encontre e se reconheça ou se estranhe em diferentes ”eus”. Este processo de identificação ou de projeção já nos dá a medida psicológica do texto literário, que age catedraticamente sobre o caminho que nos leva a difícil viagem ao nosso interior. Saímos de um conto ou romances tontos de prazer e cheios de perguntas sobre o mundo e as pessoas que nos cercam, sobre o mundo que somos nós e que muitas vezes desconhecemos. ELIAS JOSE (1998 p. 19)

Esse encantamento que nos é dado pela imaginação no momento da leitura nos envolve na fantasia da história sem ao menos sair do lugar. É fundamental que na prática da formação docente o aprendiz de educador assume que é indispensável pensar correto, ou seja, criticamente, deixando entusiasma-se e envolver-se nesse mundo mágico dos contos literários infantis.
O papel do educador

O professor tem que ser uma criatura que pensa o seu trabalho. Ele tem o direito de ser um professor critico reflexivo. REVISTA MAGISTERIO (2014 p.30).

Nesse sentido os professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode aperfeiçoar a próxima prática. O próprio discurso teórico necessário à reflexão crítica tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a práxia educativa.
Segundo Bakhtin (Oliveira,2010), é por meio das palavras do outro que a criança constrói sua identidade, auto estima e afetividade”
No entanto, o professor é uma referência importantíssima, portanto é preciso analisar a prática docente para que não seja uma educação ingênua, sendo necessário o aperfeiçoamento de uma consciência crítica e reflexiva associando a teoria com a prática educativa produzindo novos conhecimentos para não negligenciar o aprendizado a criança. Elias José (1988 p.13) diz acreditar piamente que ao menino de rua hoje, ao pequeno marginal que nos assalta e nos assusta, faltou uma história de vida diferente na infância do sujeito, na fase de conhecer o mundo e de crescer. Faltaram bons relacionamentos e ambientes facilitadores do seu desenvolvimento.
“ Da mesma forma que o espaço, também o tempo e as suas formas de gestão são essenciais para ampliar as maneiras de ver, conceber e expressar o mundo por meio das diferentes linguagens que integram arte e ciência, no complexo processo de apropriação e construção do conhecimento .A relação de bebes e crianças com os objetos e as situações que proporcionamos e que eles descobrem na unidade do espaço da EU exercita a curiosidade de observação ,atenção percepção , pensamento , investigação, interpretação, criacao de hipóteses e imaginação e elaboração de teorias explicativas daquilo que vivem e observam” .CURRICUO DA CIDADE(2019 p.113).

Fatores do ambiente
O desenvolvimento infantil é um processo que depende das experiências e vivencias anteriores do sujeito, do ambiente em que vive e de suas relações com esse ambiente, de modo que na falta de “alimentar o imaginário” da criança, o autor remete a ideia de comprometer seu papel como agente

de seu próprio desenvolvimento. É importante que educadores propiciem momentos prazerosos com contação de histórias na fase da pequena infância, não contribuindo para a exclusão social.

Como é maravilhoso alimentar o menino que fui de tal maneira com muito afeto, poemas e histórias. Poemas e histórias, sobretudo para crianças, mas que sirvam também para despertar o menino que dorme no coração do adulto. Porque não vivemos na mesma idade mágica da criança, para dialogar com ela e entrar no seu universo de magia e beleza? ELIAS JOSE (1988. p.14)

O autor teve uma infância privilegiada, com relação a afetividade e ao estímulo do desenvolvimento imaginário, o que despertou nele desde pequenino a fantasia através do hábito de ouvir e contar histórias, aproximando sua realidade com o mundo ideal e fantástico que a literatura propiciará nos momentos em que sua mãe encurtara distancia no universo mágico dos contos infantis, estabelecendo vínculos afetivos com tanto carinho e afeto ao ler o "mundo", mundo esse, que reflete tudo o que somos e vivemos ou tudo que não somos e nem vivemos, embora há quem não saiba que para entrar nesse mundo fantástico literário só basta sintonizar-se com ele, ouvindo e lendo histórias, e assim aproximando os pequenos das práticas sociais,ou seja, do universo letrado, em perfeita sintonia.

A criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-la por meio da escuta, da leitura do professor, ainda que não possa decifrar cada uma das palavras ouvir um texto já é uma forma de leitura. RCNs (1998 p.141).

A criança é capaz de ler a medida em que a leitura é compreendida como um conjunto de ações, pois quando consegue interpretar o mundo ao ouvir histórias, entende-se que ela está lendo.

O educador reflexivo

É preciso todo cuidado ao ler mundo pois ao ler o mundo no livro é preciso muito cuidado com a palavra dita e sobre tudo com a palavra escrita! As variadas faces das palavras têm o poder de encantar de denunciar e de esclarecer, mas também de iludir e enganar. É preciso reforçar nosso poder de leitura. ELIAS JOSE(1988 p.23).

Quando desprovidos de crítica, a leitura pode levar a simples aceitação mecânica, se transforma em rotina mecanizada, não dando nenhum prazer nem sentido a quem lê. No entanto é preciso formar leitores, não modelos de sujeitos mecanizados, mas torna-los cidadãos conscientes e capazes de posicionarem perante seus ideais, mudando a sociedade, no qual escola tem este importante papel na prática social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, é preciso refletir sobre currículo e programas por meio de leituras e práticas investigativas que favoreçam a formação de um profissional capaz de intervir na escola como sujeito mediador participante, crítico e criativo, refletir sobre currículo e programas por suas tendências políticas e concepções teóricas, investigar a prática pedagógica da escola com vista ao resgate de sua função social e compromisso com a comunidade e proporcionar oportunidades para elaboração de uma proposta curricular que atenda à coletividade escolar a partir de sua realidade, com questionamentos e sugestões. Contudo, é fundamental o redimensionamento do conhecimento, e a ruptura de pensamentos tradicionais de se vivenciar o ensino escolar, coragem para batalharmos mais por mudanças paradigmáticas do que alterações programáticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Currículo da cidade: Educação Infantil. São Paulo: SME/ COPED, 2019.

José, Elias. Ler, contar e encantar, Literatura Infantil. São Paulo: ed.mediação, 1988.

Bandeira, Manoel. Estrela da vida inteira: poesia reunida. 2° ed. Rio de janeiro livraria Jose Olympio ed, 1970, p. 127- 128.

Batista, M.C .A linguagem escrita e o direito a educação na primeira infância.Brasilia.2010

Freire, Paulo. A importância do ato de ler, ed. Cortez São Paulo, 1992.

Pedagogia do oprimido, 17° ed. Rio de janeiro, Paz e terra, 1987.

Freire, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e terra,1996

Nóvoa, Antonio. Profissão Professor 2° ed. Porto ed. Portugal 1995.

Oliveira, Z de M.R. Educação infantil fundamentos e métodos 5.ed.São Paulo Cortez,2010

Referencial curricular nacional para educação Infantil, conhecimento de mundo, vol.

3. Ministério da Educação e do desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1988.

Revista Magistério: O aluno, Vol. 3.São Paulo,2014.